

JORNAL



PADRE IRTON

Axixá do Tocantins - TO Ano Nº 1 - 2º semestre -2021



EDITORIAL

O Jornal Padre Irton foi idealizado e desenvolvido na turma de 7º ano 1 e 8º ano 2. O público alvo centrou-se em adolescentes na faixa etária de doze a quatorze anos. A Crônica foi o gênero literário escolhido por ser um gênero híbrido de caráter jornalístico e literário. O Projeto Memória Literária foi idealizado com dois objetivos: o primeiro de caráter didático, com vistas ao aperfeiçoamento da leitura e escrita e o segundo, de cunho social para homenagear um membro familiar e assim transcrever as lembranças que marcaram sua passagem no tempo. Os alunos participaram de um curso com um bloco de dez aulas com o instrutor Elves. As aulas foram através do google meet e com um encontro presencial. As aulas foram dinâmicas e com uma linguagem acessível, permitindo o Protagonismo Juvenil, de modo que os alunos assumiram sua participação nos encontros on-line com auto responsabilidade. Finalizou-se a formação e os participantes tinham embasamento teórico para escrever e homenagear os escolhidos para compartilhar sua história. Estas produções irão contar a história que o tempo não apagou da memória dos entrevistados, e irão compor um único espaço que é no Jornal Padre Irton “Memórias que Encantam”. Venha se encantar através da leitura.

Professora Maria Celma



Como me amarga saber que um dia há pouco mais de 48 anos minha mãe me deixou no orfanato Menino Jesus na cidade de Imperatriz-MA, lá encontrei outras crianças, que não tinham parentesco comigo, mas passavam a ser minha família. O que sei é que fui levado para o orfanato porque minha mãe era muito nova e sua família não quis ficar comigo. Aos poucos fui me acostumando naquele ambiente que me acolheu como filho. Foram dias amargos por estar longe de minha mãe, mas estes amargos dias não tiraram a esperança de um dia encontrar uma família do coração, que me amasse como filho. Deus assim providenciou e uma funcionária Maria Ferreira de Souza me adotou e daquele dia em diante fiquei provando o doce gosto de ter uma família, porém, um certo dia, essa senhora encontrou uma casa para morar, ela foi embora com seus filhos biológicos e eu, mais uma vez, fui amargurado com a triste

realidade de não ter uma mãe, olhei para os céus e clamei a Deus. Foram dias angustiantes, lágrimas e muito sofrimento compuseram meus amargos dias. O nome dela ecoava em minha boca como uma cigarra canta ao entardecer entre os meses quentes de outubro e novembro, o som estridente emitido pela cigarra, naquele momento, era emitido por um menino que pela segunda vez é deixado para traz, desolado e sem saber o que fazer fiquei ali. Os funcionários me falavam que ela não me levou porque tinha medo que a justiça não permitisse. Após três semanas de ecoar um som estridente, chamando por alguém que eu me senti acolhido como mãe, resolveram me levar a casa que ela morava, o meu sorriso era de esperança e a certeza que Deus ouviu meus clamores. Aos 40 anos conheci minha mãe biológica que se chama Rita, confesso que pouco alterou minha vida. Hoje tenho minha



família e propicio a meus filhos e a minha esposa o verdadeiro amor, porque o amor te transforma em uma pessoa melhor.

***Escrita pela aluna
Isabel Silva - 7º ano 1.***

EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA

Ainda me doe àqueles enormes pingos de chuva naquela tarde, precisei mudar repentinamente de Bacabal, no Maranhão, para a então desconhecida cidade de Axixá do Tocantins. Foram 20 dias de viagem no lombo de uma escolta de 15 animais. Minha família, composta por 6 filhos e esposa Maria, vieram de carro, e ficaram nos esperando em Imperatriz no Maranhão, na pensão de Dona Mundica, uma senhora cordial e generosa. A viagem foi longa, 20 dias de estrada. Caminhávamos dia e noite e só parávamos para fazer um almoço rápido e prosseguíamos firmes, com a certeza de estar a caminho de uma vida mais produtiva, uma terra mais fértil. Em nossa bagagem, dentro dos jacos, trazíamos os mantimentos necessários para esta travessia; no caminho tivemos que jogar alguns mantimentos fora porque estragaram e ficaram inviáveis para o consumo; foram 20 incansáveis noites dormindo ao relento, mas Deus em nossa vida providencia tudo, e eu seguia firme na certeza da escolha certa. Encontrei com minha família em Imperatriz, no Maranhão, e somente após a baixa das águas dos igarapés do Rio Tocantins foi que pudemos atravessar

para o Goiás. Após um dia de viagem chegamos ao povoado Morada Nova, que fica a 5 km da cidade de Axixá, ficamos hospedados por um tempo na casa do meu sogro José Antônio e minha sogra Marcolina; após 3 meses comprei minha atual residência. Em 1988, liderado pelo professor José Elias, lutamos com bravura para conquistar um pedaço de terra para trabalhar. O grileiro conhecido como Crispim detinha em suas mãos todo este vasto de terra até a beira do rio Tocantins, fomos presos por seus capangas e enquanto estávamos presos as mulheres continuavam o trabalho na colheita do arroz. Somente após longa negociação conseguimos a nossa libertação e voltamos para nossas famílias. Foram anos de negociação até conseguimos ser apossado em meu pedaço de terra, e trabalhei incansavelmente para garantir sustento e vida digna a minha família. Fui pai de mais 3 filhos e minha família ficou composta de 9 filhos e minha esposa Maria, mulher de fibra forte e uma mãe exemplar. Hoje, viúvo, aos 90 anos de idade, muito agradeço a minha chegada nesta terra prometida, onde garanti um pedaço



de terra para morar e trabalhar. “Dá vida guardo as melhores lembranças, as lutas, os dias cansado após uma lida no roçado, mas tenho a certeza que fui um combatente fiel ao lado de minha família”.

Por Maria Celma



Lembro vagamente que antigamente a cidade estava no início de sua formação, tinham poucas casas e duas ruas com calçamento de areia, dificultando o acesso. Para as pessoas conseguir passar pelas estradas era preciso colocar palhas da palmeira do côco babaçu em cima da areia para que os carros e carroças pudessem transitar. Hoje se compararmos a cidade de antigamente com o da atualidade vejo que as semelhanças são mínimas, pois existem ainda duas ruas que se encontram no mesmo local. Os outros fatores como os comércios, casas e o tamanho do meu atual local de moradia e o da cidade estão completamente diferentes do que eram antigamente, contendo mais ruas asfaltadas, com mais casas e comércios. Além de haver tubulações de água e esgoto, coisas que não existiam naquela época na

cidade. Quando eu era criança costumava brincar de “cai no poço”, jogar o sabugo de milho para o alto; o que eu mais gostava era de pegar bexiga de porco para fazer uma bola e jogar futebol. Um dos fatores mais marcantes que já aconteceram durante minha vida foi puder ver o primeiro avião pousar em minha frente, local onde fica a atual Praça da Bíblia. Vi a posse do ex-prefeito João Dola, que melhorou a infraestrutura da cidade, foi nessa época que conquistei a minha casa na rua São José. Alguns anos atrás minha carroça foi furtada, meu meio de transporte e trabalho, ficando somente as lembranças em minha mente.

José Mendonça Costa, 66 anos.
Escrita pelo aluno Rodrigo Costa - 7º ano.

A TRAVESSIA DO MARANHÃO PARA GOIÁS

Joaquim Fernandes Soares, nasci em 02 de setembro de 1941. Cheguei em Axixá em novembro de 1964. Criei meus filhos aqui, trabalhando na roça e tangendo burros. Quando estava vindo da Passagem Franca do Maranhão, viajei 26 dias no lombo de animais até chegar ao

Paraíso, na beira do Rio Lajeado. De lá viajei mais dois dias para a Gameleira e passei 4 anos lá. Trabalhei dois anos tive tanta malária que quase morri. Naquele tempo, as fotos só eram em monóculos e em preto e branco. Eu viajava para Bela Vista, nadava três igarapés com

um saco cheio de babaçu e voltava com todo tipo de mercadoria e vendia para a prefeitura. Tudo mudou desde aquela época, principalmente o transporte, que antes era animais e hoje é carro.

Escrita por Ana Livia - 8º ano
2

MEU QUERIDO AVÔ

Lembro como se fosse hoje do meu avô. Uma pessoa incrível que aprendi amar. Recordo como foi importante ter um avô carinhoso na minha vida; que me viu crescer em todos os sentidos. Sempre alegre, brincalhão e todos os dias adoçava minhas tardes com sua visita. Pela manhã cedinho já batia a porta da minha casa. José Arcanjo dos Santos esteve comigo até os meus quatro anos e, então ele partiu para um plano espiritual. Em meu coração restaram as lembranças de um

avô carinhoso e que me enchia de muito carinho. Doces lembranças. Recordo nitidamente sua maneira de ser, seu jeito de sorrir e com um olhar expressando infinito amor. Seus conselhos e sua sabedoria, seu jeito extraordinário de viver a vida. Hoje me resta as doces lembranças e saber que você está tão longe dói. Do senhor guardo as lembranças de um avô carinhoso e amável.

Escrita por Michel Gabriel Arcanjo - 7º ano 1.



MINHA INFÂNCIA

JORNAL 
PADRE IRTON

Ainda guardo nas lembranças a minha pequena cidade Axixá do Tocantins, que eu morava era pacata e não possuía muitos moradores. Havia poucas casas, praças sem infraestrutura e uma pequena igreja na qual eu era coroinha. Não tinha grandes mercados, apenas comércios e uma pequena feira. Não tinha hospitais ou postos de saúde, mas tinha um farmacêutico que atendia toda a cidade. Bom, a cidade hoje está bem diferente, com evolução do comércio, saúde e reforma. Mais ainda há muitas semelhanças com antigamente. As praças, a igreja e a feira passaram por reformas, mas permanecem no

mesmo local. Costumávamos brincar na porta de casa com os filhos dos vizinhos, brincávamos de pique-esconde, salva latinha, amarelinha e etc. Uma fase marcante que vivi, foi as gincanas da escola que eu estudava, realizava todos os anos. Os festejos do padroeiro da cidade também eram esperados com muita alegria. Nesses dias encontrávamos amigos, família e nos reuníamos para adorar o Senhor Jesus. Costumava vir um parque de diversão muito legal e que guardo recordações saudosas e alegres.

Por Maria Eduarda Silva Lima - 7º ano 01



O PROGRESSO LENTAMENTE VEM CHEGANDO

Eu tenho 47 anos, me chamo Raimunda Ferreira de Souza. Antigamente tinha poucas casas nessa cidade, não tinha muitas ruas e não eram asfaltadas, tudo no barro vermelho, não tinha muito carros, algumas caminhonetes D10 e D20, os fretes e mudanças era feito em carroças. As

brincadeiras de antigamente era pega-pega, amarelinha, esconde-esconde. Os trabalhos eram pesados, trabalhávamos na extração da castanha do côco babaçu e na lida da roça; uma labuta constante e que, apesar das dificuldades, não tirava do meu rosto um sorriso alegre de dever cumprido. Aqui não havia

comércios, estudar era um sonho imaginário que ficou só em sonho mesmo. Aos poucos nossa cidade foi mudando e o desenvolvimento lentamente chegou. Nossa cidade é acolhedora e quem bebe da água do pé da serra a esta cidade sempre volta.

Por Izaque

COMUNIDADE GRILLO

Lembro da dificuldade do meu passado na minha comunidade Grilo. Eu brigava muito em busca de melhorias para minha comunidade, tudo era muito difícil naquele lugar. Para conseguir ir ao hospital, porque não tinha estrada,

tínhamos que levar as pessoas que ficavam doente em redes. Um dia eu fui atrás das autoridades políticas para fazer uma estrada para carros aqui passar. Viajei às 4 horas da manhã para Brasília com o objetivo de

conhecer a presidente Dilma e pedir ajuda para melhorar a comunidade Grilo. Hoje me sinto feliz e agradeço muito a ajuda da presidente Dilma, que melhorou as estradas e os hospitais.

Por Ricardo Barbosa Rubim - 7º ano 1

SAUDADE DE MINHA MÃE

Recordar é um sentimento doce que nos remete ao passado. Sou Jacira Costa, filha de Alcindino Carneiro da Costa e Maria de Fátima Dias. Nasci em Axixá do Tocantins e minha família é composta de seis irmãos. Tivemos uma infância muito feliz, estudei na escola João Paulo II e quando terminei o primário fui embora para Palmas. Lá estudei e terminei o Ensino Médio e logo comecei a trabalhar na Assembleia Legislativa e na Segurança Pública.

Foram tempos felizes, vivi na capital mais de 5 anos, logo conheci meu esposo Robson Ferreira, pai dos meus filhos Julia Regina, Roger Dias e Ryan Dias. Em 2009 voltei para Axixá com minha família, trabalhei na delegacia. Em 2010 mudamos para Parauapebas, no Estado do Pará, e naquela cidade morei por 10 anos. No início do ano de 2021 voltei a minha cidade natal e neste período passei uma das maiores dificuldades da minha vida: a perda de

minha mãe. Apesar desta perda dolorida sigo adiante cuidando do meu pai e dos meus irmãos, mas com a certeza que nada no mundo preenche o vazio desta dolorida perda. Atualmente trabalho na Secretaria de Assistência Social e venho contribuindo para o bem estar de minha querida cidade.

Por Roger Dias Araújo - 7º ano 1.

Antigamente a dificuldade para estudar era tremenda. Eu nasci no Ceará, era criador de bode e trabalhava com as abelhas que, apesar de sempre me ferroarem, delas extraia muitos litros de mel. Bem sabemos que trabalhar era um ofício que se aplicava aos pequenos desde cedo. A escola era um sonho e estudar era para poucos. Eu até que tentei, caminhava umas 5 léguas a pé e para o tempo acelerar, pegava uma calha de bicicleta e um pedaço de madeira e saía correndo atrás daquela roda que fazia as léguas

passarem rapidamente pelos meus pés. Chegava soado na escola. O ofício da leitura eu não conseguia aprender porque tudo era mais difícil. As crianças tinham que trabalhar mas a beleza a vida não me roubou. Sou feliz, não aprendi o ofício da leitura e isto me causa tristeza, do restante da vida eu agradeço a Deus.

**Por Carlos Eduardo de Sousa
Costa - 7º ano 01.**



O REI DO TERREIRO



Alguns anos atrás meu pai comprou um galo muito valente, ninguém podia ir ao quintal pois ele corria atrás das pessoas, e com isso, muitas pessoas tinham medo dele, até a minha mãe. Depois de vários dias minha mãe matou e preparou o galo pra almoçarmos em uma viagem que fizemos juntamente com meus avós, tios e primos. Depois de andarmos muito, paramos em uma cidade para almoçar. Todos saborearam o galo que estava uma delícia, pois tinha sido feito no leite de côco. Quando chegamos ao destino, que era a capital Palmas, ainda tinha um pouco do galo, minha mãe esquentou e serviu para

jantarmos. Depois de algum tempo várias pessoas que comeram do galo passaram mal, ficaram com muita dor de barriga. O que eles não sabiam é que o galo já estava estragado. Na casa só tinha um banheiro, foi um sufoco, todos querendo entrar no banheiro ao mesmo tempo, formou-se uma grande fila, era gente gemendo pra todo lado. Até hoje os meus tios falam que o galo era tão valente que até mesmo depois de morto fez estrago.

**Por Kaio Emanuel Silva dos
Santos - 8º ano 2**

MINHA INFÂNCIA

Quando jovem nos momentos em que eu não estava na escola ou na horta com meus pais, gostava de ser voluntária da Pastoral da Criança e da Juventude. Era muito bom, pois eu ajudava as mães carentes. Naquela época tive a experiência de assumir a coordenação da Pastoral e estudar o magistério. Fazia, também, visitas domiciliares nos bairros e

nos povoados. Às vezes tinha que pedir meus pais para participar de atividades na Diocese em Tocantinópolis, que duravam três dias. Na minha infância fui uma criança que não teve muitas oportunidades de brincar, nem mesmo passear nas praças, ainda bem que tinha a pastoral para me divertir. Na minha vida adulta cursei o magistério. Passei no

concurso e comecei a trabalhar na Escola Municipal Bom Jesus e na Escola da Irmãs, onde até hoje consagro na legião de Maria. A melhor coisa que aconteceu em minha vida foi conhecer meu marido, ser mãe de três filhos e, recentemente, ser vovó.

**Por Clarisse de Oliveira
7º ano 01.**



Lembro-me das minhas brincadeiras de criança com meus amigos e familiares. Sempre fui indeciso, pois gostava de todas as brincadeiras e não me decidia em qual brincar. Uma vez, meu primo me desafiou perguntando se eu me soltaria do galho de uma árvore ou não. Eu cumpri o desafio!

Então, novamente ele me convidou para jogar futebol, eu disse que não. Porém, como eu gostava bastante, acabei não resistindo. Bons tempos de criança.

Por Dhon Tano1

MINHA HISTÓRIA

Antigamente as pessoas plantavam, colhiam seu próprio alimento. Já nesta atualidade as pessoas só compram. Naquela época, como não tinha eletricidade, as crianças brincavam muito, mas agora como tem eletricidade as crianças só querem assistir TV e jogar joguinhos no celular. Naquele tempo as crianças brincavam de várias brincadeiras, como pique-esconde, gangarra, cair no poço, balançador, pula corda, pau no buraco e outros. Antigamente os jovens não iam para escola pra ajudar os pais na roça. Naquela época

também não tinha transporte, os únicos transportes mais comuns eram os animais: cavalo, jumento e burro. Antigamente as mulheres pariam seus filhos em suas próprias casas, com a ajuda de uma parteira. As pessoas também lavavam roupas e banhavam em grotas e açudes porque não tinham água encanada em casa. As casas eram feitas de barro e coberta de palha. Era bem diferente dos dias atuais.

Por Mayara Tano1

MINHA INFÂNCIA

Quando eu era criança brincar era algo divertido, fazia parte até da vida de alguns adultos. Não tinha energia elétrica, então à noite, aproveitavam o brilho da lua cheia que com seu encanto iluminava povoado Santa Luzia. Brincávamos de pega-pega, da barra, do queima e de cantigas de roda. Lembro-me que na semana santa era algo sagrado; uma semana antes tinha os preparativos para aguardar a semana santa; ninguém trabalhava, mas as crianças brincavam bastante, os jovens faziam o boneco do "Judas" e também mutirão na quinta-feira santa e passavam de casa em casa, nos povoados Santa Luzia e Morada Nova, pedindo bolos; era tradição naquela época fazer muitos bolos na semana santa. Na sexta-feira santa os pais mandavam os filhos ir na casa dos padrinhos para pedir a benção. Gostava de ouvir as histórias contadas

pela minha avó, uma mulher sábia e sofredora, mas que carregava consigo histórias de lutas e vitórias. Naquela época respeitar os mais idosos fazia parte da cultura, não era lei, mas algo prazeroso chamar os mais velhos de dona Maria e seu João. Na escola, recordo do Dia do Índio, data em que os alunos produziam suas roupas de uma planta chamada malva, tirávamos a embira para fazer as roupas; com as penas de galinha e papelão eram feitos os chapéus do índio. Realizava-se um desfile andando pelo povoado Santa Luzia, o mesmo era feito também no dia 07 de setembro. Era muito bom ser criança naquela época. Brincávamos e também se aprendia a trabalhar com os pais; quando cometíamos um erro meus pais repreendiam apenas com o olhar. Doces lembranças de minha infância que guardo em meu coração.



**Memória literária de
Nivany Nascimento Almeida,**

**escrita por
Jhennifer Raquel 8º ano**

Cheguei em Axixá do Tocantins, em 1993 com 15 anos de idade, juntamente com meus pais e quatro dos meus nove irmãos. Vivia em Alagoas. No início não gostava do clima, com muitos trovões e chuvas fortes. Comecei a trabalhar muito cedo, aos 17 anos na creche São Francisco de Assis, na responsabilidade do Padre Raimundo, Joaozinho e Pacheco. Lá exerci a função de auxiliar de professor. Peguei gosto pela profissão, com responsabilidade e dedicação, hoje acumulo 26 anos de trabalho na educação, e adoro o que faço.

Quando cheguei fui bastante acolhida pela população, e nesta cidade construí um lar e uma família. Aqui é um lugar maravilhoso para morar e criar os filhos, visto que é uma cidade calma e afetiva.

Por Isabella Assunção 7ºano 01.



*Os sonhos só têm vida quando você se dispõe a lutar,
sair da zona de conforto e compreender que para sonhos
acontecerem, precisa de planejamento e ação.*

Profª Maria Celma.

Agradecimentos Especiais

Dr. Aury Walange Ribeiro Jorge
Prefeito Municipal de Axixá

Antônia Daniela Castro
Secretaria Municipal de Educação

Edivilson Rufino
Regina Leite
Técnicos da SEMED

Maria Dinaide Silva
Diretora da Escola Municipal Padre Irton

Maria Ivoneide Barroso
Maria de Fatima Sandra Duarte
Coordenadores Pedagógico

Maria Celma Rodrigues de Sousa
Professora

Remy Soares
Elves Felipe de Brito Santos
Colaboradores

Turma 7º ano 1 e 8º ano 2
Maria Lida Pereira
Revisão de texto